

Sinais Topônimos de Escolas em Araguaína - TO: um Estudo sobre a Forma e a Motivação

Toponymic Signs of Schools in Araguaína - TO: a Study about Form and Motivation

Mariana Ferreira Albuquerque¹

PPGLLIT/UFNT

Karylleila dos Santos Andrade²

PPGLLIT/UFNT e PPG-Letras/UFT

Bruno Gonçalves Carneiro³

PPG-Letras/UFT

Resumo: Este artigo é oriundo de um estudo sobre sinais de escolas do município de Araguaína, estado do Tocantins, em libras. Os dados foram coletados a partir de entrevistas e em uma lista de sinais topônimos, o que possibilitou a elaboração de um *corpus* com 26 sinais que foram registrados em fichas lexicográfico-toponímicas. Como aporte teórico e metodológico, baseamos-nos em Dick (1990; 1998), em Sousa (2020) e em Miranda (2020). Nesse sentido, a análise envolveu a categorização dos topônimos em relação à forma (nativos, inicializados e soletrados) e à motivação (icônica e em língua portuguesa). Em relação à forma, predominam topônimos inicializados, seguidos de nativos e, por fim, soletrados. Em relação à motivação icônica, o uniforme escolar é a subcategoria mais prevalente, seguido da logomarca da escola e, por fim, aspectos relacionados à rotina e à estrutura da escola. Em relação à língua portuguesa, prevalece a subcategoria grafia e em apenas um topônimo há a motivação do tipo calque. A partir dos dados da amostra, sugerimos a provável emergência de um morfema base – mão não dominante configurada em C – que parece ter subsidiado o processo de formação de um dos topônimos.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia em libras; Sinais de escolas de Araguaína.

Abstract: This article comes from a study about signs of schools in Araguaína, state of Tocantins, in Brazilian Sign Language. Data were collected from interviews and from a list of toponymic signs from Araguaína. As a theoretical and methodological framework, we based on Dick (1990; 1998), Sousa (2020) and Miranda (2020). We prepared a corpus of analysis with 26 (twenty-six) signs, which were recorded in lexicographical-toponymic cards. The analysis involved categorizing the signs in terms of their form (native, initialized or fingerspelled) and motivation (iconic and in Portuguese). Regarding the form, initialized toponyms were more frequent, followed by native and, finally, fingerspelled. Regarding iconic motivation, the school uniform is the most prevalent subcategory, followed by the school logo and, finally, aspects related to the school's routine and structure. Regarding the Portuguese language, the subcategory related to writing is more frequent, and in only one toponym there is a calque motivation. Based on the

¹ Mestra em Língua e Literatura pela UFNT. Email: mari.ferreira@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela USP. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT e do Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura da UFNT. Email: karylleila@uft.edu.br

³ Doutor em Letras e Linguística pela UFG. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT. E-mail: brunocarneiro@uft.edu.br

sample data, we suggest the probable emergence of a base morpheme – non-dominant hand configured in C – which seems to have subsidized the formation process of one of the toponyms.
Key-words: Onomastics; Toponymy in libras; Signs of schools in Araguaína.

Submetido em 06 de setembro de 2022.

Aprovado em 03 de outubro de 2022.

Introdução

O ato de nomear é uma necessidade humana e, nesse processo, há um envolvimento entre nome, referente e sentido de forma que, quando recuperamos o significado desse fenômeno, temos a possibilidade de dar visibilidade a uma perspectiva sociocultural de uma região. Assim, os nomes de lugares estão repletos de significações históricas, político-sociais e culturais da sociedade da qual fazem parte e revelam valores e crenças de determinadas épocas (ANDRADE, 2006; DICK, 1990; 1998; SEABRA, 2006; SOUSA, 2020).

A complexidade do ato de nomear também envolve a nomeação de escolas e a toponímia busca, justamente, desvendar essas instâncias. De acordo com Gomes-Neta (2016a), a escola é um espaço físico e social de aprendizagem e de troca de experiências que exerce função ímpar na sociedade. Trata-se de um lugar passível de estudos diversos, incluindo o estudo toponímico cuja nomeação não envolve apenas a referenciação do lugar. Segundo a autora,

“[...] as escolas, instituições de ensino construídas pelo homem e localizadas dentro do espaço cartográfico demarcado, a cidade, são topos (lugar). Por isso, também são consideradas acidentes geográficos humanos dignos de estudos toponímicos. Suas nomeações não se justificam apenas por referenciação espacial; elas são motivadas por uma ou por várias razões, e são fontes reveladoras das feições sociais, culturais, históricas e políticas de uma comunidade ao longo do tempo. Os nomes escolares são tão significativos que possuem, inclusive, leis que os regularizam”. (GOMES-NETA, 2016b, p. 37).

Nesse sentido, vemos a necessidade de reflexões sobre o processo de nomeação de escolas em libras. Reconhecemos que há processos históricos, culturais, identitários, linguísticos, dentre outros, atrelados ao ato de nomear que, certamente, nos ajudam a compreender o fenômeno toponímico e entender ainda mais sobre os processos de formação de sinais.

Este artigo é oriundo de um estudo sobre a descrição de sinais de escolas do município de Araguaína. Os seus objetivos abrangem fazer um levantamento de sinais de

escolas, categorizá-los em relação à forma e identificar as motivações atreladas a eles. Segundo Miranda (2020), um olhar atento sobre as motivações e as características formacionais dos topônimos pode revelar aspectos da história, da cultura e da concepção de mundo de uma comunidade de língua de sinais.

O levantamento desses sinais aconteceu a partir de entrevistas com membros da comunidade surda e em uma lista de sinais de bairros, escolas, academias, ruas e praças de Araguaína, elaborado por surdos nos anos de 2012 e 2013. O tratamento e análise dos dados envolveu o registro das informações em fichas lexicográfico-toponímicas e a categorização dos sinais em relação à forma e à motivação.

1. Nomeação de lugares em libras

De acordo com Dick (1990), a nomeação é uma atividade humana bastante significativa e, muitas vezes, complementar para o entendimento da realidade circundante. Enquanto atividade de significação, a nomeação envolve a percepção biológica dos objetos do mundo, que são transformados em substâncias estruturadas a partir da cosmovisão de cada grupo. Isso envolve um processo de conceptualização em que modelos mentais são produzidos e que, conseqüentemente, correspondem aos recortes culturais feitos pelo grupo, representados no sistema linguístico.

Nesse sentido, a onomástica configura-se como um ato intelectual de nomear, o qual é distinto da constituição e/ou criação de palavras enquanto elementos do léxico comum. Para que uma palavra se torne um nome, considerando a complexidade do ato de nomear, acontece uma articulação de conceitos, definições, valores, intenções, códigos e usos convencionais por parte do nomeador (ou enunciador/emissor). Segundo Siqueira (2011, p. 193):

[...] a nomeação dos “lugares” não se processa da mesma maneira como se faz a denominação de objetos criados no universo das ciências e linguagens de especialidades. A nomeação dos acidentes geográficos e dos acidentes culturais, de maneira diferente, segue procedimentos que têm origem em fatos históricos, sociais, culturais ou ainda se finca em motivações cuja face cognitiva reflete-se em descrições metafóricas ou metonímicas para escolha do nome do lugar a ser designado. (SIQUEIRA, 2011, p. 193).

Nos estudos toponímicos, o lugar deve ser entendido como algo além de uma simples localidade ou um espaço determinado, tendo em vista que, ao escolher um determinado nome para um lugar, o denominador passa a manter com ele uma relação de

identidade. Logo, pode-se argumentar que os nomes de lugares nem sempre são fruto de uma escolha ocasional. O processo denominativo é uma atividade complexa e uma rede de influências várias recai sobre o denominador quando da eleição de um topônimo (SOUSA, 2020). Por isso, a toponímia deve ser pensada como um complexo linguístico-cultural, fator intrínseco do sistema das línguas humanas, e visto numa perspectiva interdisciplinar (ANDRADE, 2006).

[...] o nome de um lugar, quando pronunciado ou quando visualizado nos mapas, nas placas de ruas, nas fachadas de prédios, não deve ser tratado como um dado natural, pois ele é fruto da ação do homem e carrega uma história, possuindo uma significativa carga cultural. (SOUSA; MARTINS, 2017, p. 4).

Nesse sentido, Sousa e Martins (2017) argumentam que após sua nomeação, o objeto passa a ser identificado também pelas suas diferenças em relação àquilo que não é, ou seja, é diferenciado diante dos demais elementos do mundo extralinguístico, conferindo-lhe uma existência. Existe, porque tem nome, tornando-se conhecido e reconhecido como elemento cultural efetivo para a continuidade de uma população como um dos inúmeros traços que o caracteriza.

Para Dick (1990), a motivação toponímica se torna evidente na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico. Assim, a origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, pode envolver procedências as mais diversas.

Mas, o sentido nem sempre se encontra armazenado na mente das pessoas, principalmente se é um topônimo muito antigo que vem atravessando gerações. Uma vez que o nome de um lugar é provido de um referencial, é importante considerar que determinado lugar pode permanecer, por vezes em sua configuração original, outras vezes, levemente modificado (SEABRA, 2006).

Com base nesses pressupostos, Vieira e Silva (2020) argumentam que quando uma pessoa surda nomeia algo, ela coloca a língua em funcionamento e, ao tomar posição no acontecimento da nomeação, o surdo, afetado pelo interdiscurso, produz sentidos outros que serão os efeitos de sua enunciação, ou seja, as implicações do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua neste acontecimento.

Segundo Miranda, Carneiro e Andrade (2021a), a libras reflete a maneira como os surdos brasileiros concebem o mundo e experienciam a realidade. Os surdos compartilham língua, cultura e constroem identidades a partir da diferença surda e, conseqüentemente, categorizam o mundo a partir de suas experiências. Essas experiências compartilhadas promovem um recorte específico da realidade que se reflete no léxico da libras e, conseqüentemente, nos sinais topônimos.

Nos anos de 2012 e 2013, membros da comunidade surda de Araguaína realizaram encontros periódicos na Escola SESI Marlei Maria Moreira, com o intuito de entretenimento, lazer e, principalmente, promover o contato entre os pares surdos. Na época, a escola possuía três servidores surdos (dentre eles uma professora surda) e seis alunos surdos, o que favoreceu a emergência de um ambiente com a circulação da libras de maneira consistente.

A instituição implementou uma série de ações de forma a contemplar a língua de sinais, as identidades e a cultura surda na rotina da escola. Dentre essas ações, a disponibilização do espaço para esses encontros, incentivando, inclusive, a participação de surdos que não tinham vínculo com a instituição e que reconheciam, naquela escola, um lugar de conforto cultural e linguístico.

Os encontros aconteciam semanalmente e, em alguns desses encontros, que contava também com a participação de ouvintes sinalizantes, surgiam discussões das mais diversas, tais como o planejamento de seminários, a organização de encontros esportivos, a comemoração de aniversários e, dentre outras, o levantamento de sinais de localidades da cidade em libras. Os surdos fizeram o levantamento de sinais que nomeavam bares, estabelecimentos comerciais, academias, praças, avenidas, bairros, escolas e instituições de ensino superior. Havia também a criação de sinais. Nessa situação, membros desse grupo (composto predominantemente por surdos) apresentavam propostas para um referido local. Antes de discutir as possibilidades, havia sempre os questionamentos: *qual a imagem/o logotipo do empreendimento? quais são as características do imóvel e do local?* Na época, as atividades foram coordenadas pela professora surda Roselba Gomes de Miranda, que organizava uma mostra com imagens dos referentes, a partir das demandas que o grupo apresentava e, assim, as propostas de novos sinais eram apreciados.

Sobre essas atividades, Carneiro (2016) discute o papel da experiência corporal e, mais especificamente, do *input* visual na ampliação lexical da libras, quando se observa a prevalência de características do referente em novos sinais. Para ilustrarmos esse processo, citamos o sinal da escola “Nerds Kids”, que foi motivado por uma imagem que havia na fachada da instituição e pelo nome do topônimo em língua portuguesa. Na Figura 1, ilustramos o sinal da escola e a imagem que o motivou. Atualmente, a instituição se chama “Colégio Intelectus”.

Figura 1. Sinal da Escola Nerds Kids e fachada da instituição



Fonte: Albuquerque (2021)

No sinal de “Nerds Kids” a mão configura-se em “C” que remete, em alguma medida, aos óculos do personagem que está disposto na fachada da instituição. Em seguida, a mão configura-se em “N” que é motivada pela palavra “Nerd’s”. O ponto de articulação também é motivado pela imagem (óculos da personagem) do estabelecimento. A seguir, apresentamos as categorias de análise dos sinais das escolas de Araguaína.

2. As categorias de análise e o levantamento de dados

O levantamento dos nomes das escolas em língua portuguesa aconteceu a partir de pesquisa nos documentos do Sistema de Educação Escolar e da Gerência de Estatísticas e Informações Educacionais, órgãos vinculados à Secretaria da Educação, Juventude e Esportes do Estado do Tocantins. Posteriormente, entrevistas foram realizadas com 11 surdos e 2 intérpretes de libras para o levantamento dos sinais das escolas, que aconteceram por videochamada. Os dados em libras também foram coletados a partir de uma lista de sinais topônimos de Araguaína. Conforme mencionamos, trata-se de um acervo elaborado por surdos nos anos de 2012 e 2013.

Uma ficha foi elaborada para o registro dos sinais, baseada em Miranda (2020) e composta pelos microparadigmas (1) imagem do topônimo em libras, (2) escrita de sinais

– sistema *signwriting*, (3) link de acesso ao vídeo na Plataforma *YouTube*, (4) nome do topônimo em língua portuguesa, (5) Rede de Ensino da unidade escolar, (6) descrição do sinal, (7) morfologia, (8) categoria em relação à forma, (9) categoria em relação à motivação, (10) pesquisadora responsável pelo levantamento, (11) validação, (12) tipo da fonte e (13) data da coleta. Ao todo foram registrados 26 topônimos. A Figura 2, a seguir, ilustra a ficha lexicográfico-toponímica utilizada para o registro dos topônimos.

Figura 2. Ficha lexicográfico-toponímica

Imagem do Topônimo em Libras	Escrita de Sinais
	<p>Escrita de sinais (sistema <i>signwriting</i>)</p> 
Link de Acesso ao Vídeo	Link de acesso na Plataforma <i>YouTube</i>
Topônimo em Português	Centro Educacional Dair José Lourenço
Rede de Ensino	Instituição particular
Descrição do sinal	Neste item apresentamos uma descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais.
Morfologia	Neste campo, mencionamos se o sinal é simples ou composto
Categoria	Neste campo, categorizamos os sinais em (1) Nativos (2) Inicializados (3) Soletrados
Motivação	(1) Motivação icônica - Aspectos relacionados à rotina da instituição - Uniforme escolar - Estrutura da escola - Logomarca da escola (2) Motivação da língua portuguesa
Pesquisadora	Mariana Ferreira Albuquerque
Validação	Grupo de validação
Tipo de Fonte	Fonte oral (entrevista) ou documental
Data da coleta	1º Semestre de 2021

Fonte: Albuquerque (2021)

As categorias de análise, tanto em relação à forma quando em relação à motivação, foram baseadas em Miranda (2020). Em relação à forma, a autora propõe as categorias (1) nativos, (2) inicializados e (3) soletrados. Essas categorias são exclusivas⁴.

Segundo Miranda (2020), os topônimos categorizados como nativos são sinais formados por configuração de mão que não remete ao nome do topônimo em língua portuguesa. Por mais que alguns desses sinais possam ser oriundos de calque, a configuração destes não correspondem a uma representação da grafia do nome em português.

O sinal da “Escola Estadual Jardenir Jorge Frederico” é categorizado como um sinal nativo. A configuração de mão que forma o sinal não remete à grafia do nome em língua portuguesa. O sinal parecer ser motivado pela logomarca da escola, o que influenciou a configuração de mão. O sinal da instituição está ilustrado na Figura 3, a seguir.

Figura 3. Sinal da Escola Estadual Jardenir Jorge Frederico



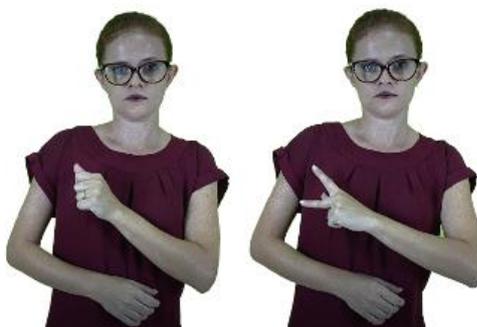
Fonte: Albuquerque (2021)

Os topônimos categorizados como inicializados são sinais cuja configuração de mão remete ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essa menção ao nome em

⁴ Uma categorização alternativa de topônimos em libras foi apresentada por Urbanski, Ferreira e Xavier (2021). Segundo os autores, os sinais de cidades do Paraná e de bairros de Curitiba se manifestam através de formas que vão desde as nativas até aquelas formadas com influência do português e que podem ser consideradas, então, empréstimos. Esse *continuum* das formas foram (1) nativos (sem influência do português), (2) calque (tradução literal do topônimo do português), (3) inicializado (sinal nativo com alteração apenas da configuração de mão que remete à inicial da palavra do português), (4) formado a partir de letra(s) do alfabeto manual (configuração referente à inicial da palavra do português com parâmetros fonológicos da libras) e (5) soletrado (representação do topônimo do português por meio da sua soletração manual total ou parcial). Miranda (2020) categoriza os topônimos a partir da forma e a partir da motivação (detalhada mais adiante), de maneira separada. De acordo com a autora, quando os topônimos são categorizados a partir da dicotomia nativos e oriundos por empréstimos, características icônicas dos topônimos acabam por serem pouco evidenciadas. Os sinais influenciados pelo português, tais como calques, inicializados e formados a partir de letras(s) do alfabeto manual, mesmo exibindo características icônicas, acabam sendo considerados como empréstimos.

português acontece através da configuração de mão que corresponde à representação da sua grafia, a partir do alfabeto manual. Os parâmetros ponto de articulação e movimento apresentam uma gama maior de possibilidades, quando comparados aos sinais soletrados (descritos a seguir). Um dos sinais da “Escola Assistência Social Pentecostal de Araguaína-ASPA” é categorizado como inicializado. As configurações de mão remetem às iniciais “A” (Assistência) e “P” (Pentecostal) do nome em língua portuguesa. O ponto de articulação do sinal é motivado pelo uniforme escolar. A Figura 4, a seguir, ilustra este sinal.

Figura 4. Sinal da escola Assistência Social Pentecostal de Araguaína-ASPA



Fonte: Albuquerque (2021)

Os topônimos soletrados são oriundos da soletração do nome do topônimo, a partir do uso do alfabeto manual. Esse processo corresponde a uma adaptação fonológica em que, por um processo diacrônico, a estrutura que faz menção ao nome em português tem o número de configuração de mão e orientação da palma reduzidos, ou seja, passam por um processo de lexicalização (ADAM, 2012; NASCIMENTO, 2011; FERREIRA, 2010; QUADROS; KARNOPP, 2004). Nestes sinais, o parâmetro ponto de articulação está restrito ao espaço neutro, à região ipsilateral da mão responsável pela articulação do sinal. Já o parâmetro movimento está restrito aos movimentos internos de mudança de configuração, bem como movimentos que preparam uma suspensão, característicos dos topônimos soletrados. O sinal da “Escola Estadual Professor João Alves Batista” é considerado um sinal soletrado por ter a estrutura articulatória descrita. O sinal é realizado com a configuração de mão em “J” e, em seguida, com a configuração “dedo indicador estendido” e movimento que remete ao sinal gráfico “~”. A Figura 5, a seguir, ilustra o sinal desta escola.

Figura 5. Sinal da Escola Estadual Professor João Alves Batista



Fonte: Albuquerque (2021)

Em relação à motivação, Miranda (2020) propõe as categorias (1) motivação icônica e (2) motivação em português. No primeiro caso, a forma do sinal pode remeter tanto a características físicas do lugar, quanto a características culturais relacionadas ao lugar. Tais características, de alguma maneira, estão codificadas na forma do sinal e, por isso, o sinal apresenta características icônicas. No segundo caso, o sinal é motivado pelo nome do topônimo em língua portuguesa, que pode ser por calque, quando parece haver uma tradução literal do nome, ou por grafia, quando a configuração de mão remete ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essas categorias não são exclusivas, pois há topônimos que exibem uma combinação de motivações, tanto de um mesmo domínio, quanto de domínios distintos.

As categorias propostas por Miranda (2020) emergem a partir da descrição de topônimos das cidades do estado do Tocantins. A partir da análise dos sinais das escolas, identificamos diferentes subcategorias a detalhar a categoria motivação icônica. Da concepção dos entrevistados sobre as características do referente que motivaram o topônimo, emergiram as subcategorias:

- (1) **Aspectos relacionados à rotina da instituição** – a forma do sinal é motivada por algum aspecto cultural do lugar ou da rotina da comunidade escolar.
- (2) **Uniforme escolar** - a forma do sinal é motivada pelo desenho, símbolo, designer ou logomarca que está presente no uniforme da escola utilizado pelos alunos. O ponto de articulação desses topônimos, em geral, é a região do tórax, fazendo referência à posição de alguma marca visual do uniforme.
- (3) **Estrutura arquitetônica** – a forma do sinal é motivada pela estrutura arquitetônica da escola.

- (4) **Logomarca da escola** – a forma do sinal é motivada pela logomarca da escola ou por alguma imagem presente na fachada da instituição.

Uma reunião foi realizada a fim de verificarmos se os sinais coletados eram, de fato, topônimos dessas escolas. Participaram deste momento 4 surdos e 3 ouvintes, intérpretes de libras e conviventes da comunidade surda local. Dentre os participantes do grupo de validação, dois não haviam sido entrevistados na etapa de levantamento de dados. A reunião aconteceu de maneira remota e foram apresentadas as 25 fichas lexicográfico-toponímicas. Todos os sinais foram validados enquanto topônimos em circulação entre os sinalizantes da libras. Durante a reunião, foi sugerido que mais um topônimo fosse adicionado, o sinal da “Escola Municipal Olavo Bilac”.

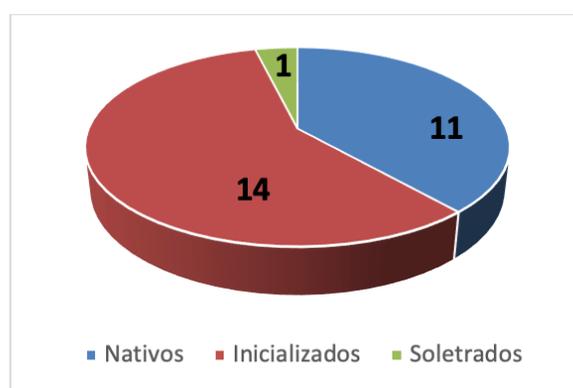
Um canal no YouTube foi criado com objetivo de catalogar os topônimos e facilitar o acesso do público aos dados. A proposta é que outros topônimos sejam adicionados à plataforma gradativamente.

3. Tipologia dos topônimos em relação à forma e à motivação

3.1 Tipologia em relação à forma

Em relação à forma, categorizamos os sinais em: (1) nativos, (2) inicializados e (3) soletrados. O gráfico 1, a seguir, ilustra a distribuição e a frequência dos topônimos em relação à forma.

Gráfico 1. Distribuição e frequência dos topônimos em relação à forma.

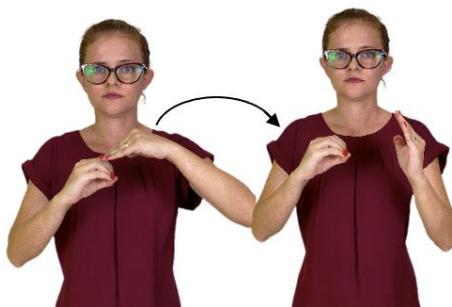


Fonte: Albuquerque (2021)

As categorias em relação à forma são exclusivas e, no *corpus* analisado, predominam os sinais inicializados. O sinal da “Escola Municipal Olavo Bilac” é um

topônimo categorizado como inicializado e exibe características icônicas. O sinal é bimanual e assimétrico, em que a mão não dominante está configurada em “O” (Olavo) e a mão dominante configura-se em “B” (Bilac), em referência às iniciais do nome. A orientação e o movimento que a mão dominante realiza remetem à arquitetura da escola. Na entrada da instituição, há um arranjo estrutural semelhante a um portal. O topônimo da “Escola Municipal Olavo Bilac” está ilustrado na Figura 6, a seguir.

Figura 6. Sinal da Escola Municipal Olavo Bilac



Fonte: Albuquerque (2021)

Os topônimos categorizados como nativos são sinais formados por configuração de mão que não remete ao nome do topônimo em língua portuguesa, como o sinal da “Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus”. Observa-se que a configuração de mão deste topônimo apresenta uma disposição articulatória que remete ao uniforme escolar. A Figura 7, a seguir, ilustra este topônimo e a imagem do uniforme que o motiva.

Figura 7 – Sinal da Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus e imagem do uniforme



Fonte: Albuquerque (2021)

Os topônimos soletrados são oriundos da soletração do nome do topônimo em língua portuguesa e que passam por um processo de lexicalização. Em nosso *corpus* de

análise, o único topônimo categorizado como soletrado é o sinal da “Escola Estadual Professor João Alves Batista” (Figura 5). Mas, por mais que este sinal seja categorizado como soletrado, ele parece ser oriundo da imagem do nome da escola, e não de um processo diacrônico de lexicalização. O *input* visual do nome do topônimo em língua portuguesa, que durante anos estava grafado em grandes proporções no muro da instituição, parece ter motivado o sinal em libras. Um dos entrevistados mencionou que, pelo fato desta escola ter sido um dos espaços onde os surdos treinavam futsal, o local precisaria de um sinal. Então, alguns dos surdos, segundo o depoimento, olharam para o muro da escola e, a partir do nome, deram esse sinal.

3.2 Tipologia em relação à motivação

Em relação à motivação, dos 26 topônimos analisados, 11 possuem apenas motivação icônica, 7 apenas motivação em língua portuguesa e 8 motivação icônica e em língua portuguesa. Como a motivação foi disposta em subcategorias não exclusivas, verificamos que características icônicas perpassam por 73% dos sinais topônimos, enquanto que motivação a partir da língua portuguesa perpassa por 58%. Dessa forma, sugerimos que a motivação icônica prevalece nos topônimos das escolas de Araguaína. O Gráfico 2, a seguir, ilustra essa distribuição.

Gráfico 2. Distribuição e frequência dos topônimos em relação à motivação.



Fonte: Albuquerque (2021)

A seguir, apresentamos a distribuição da motivação considerando apenas o domínio motivação icônica, cujas subcategorias são: aspectos relacionados à rotina da instituição, uniforme da escola, estrutura da escola e logomarca da escola. Considerando

que 73% dos topônimos (19 sinais) apresentam motivação icônica, observa-se uma prevalência de uniforme da escola (10 sinais), seguido de logomarca da escola (5 sinais), estrutura da escola (2 sinais) e aspectos relacionados à rotina da instituição (2 sinais). O Gráfico 3, a seguir, ilustra essa distribuição.

Gráfico 3. Distribuição e frequência dos topônimos em relação à Motivação Icônica.



Fonte: Albuquerque (2021)

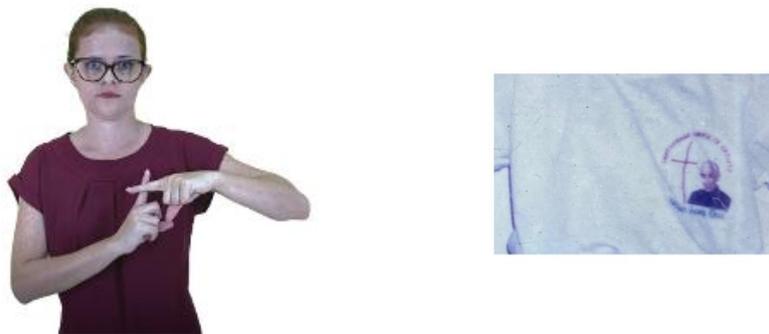
Conforme pôde ser observado, a motivação uniforme escolar foi a categoria mais prevalente. As Figuras 9 e 10, a seguir, ilustram os topônimos de “Centro Educacional Dair José Lourenço” e “Colégio Santa Cruz”, motivados pelo uniforme escolar.

Figura 9. Sinal do Centro Educacional Dair José Lourenço e imagem do uniforme



Fonte: Albuquerque (2021)

Figura 10. Sinal do Colégio Santa Cruz e imagem do uniforme.



Fonte: Albuquerque (2021)

O sinal do “Colégio Santa Cruz”, em um primeiro momento, poderia ser categorizado como motivado pela língua portuguesa, a partir de um calque. Observando os parâmetros configuração de mão e orientação da palma, o sinal parece remeter a uma tradução literal de parte do topônimo em língua portuguesa, envolvendo a palavra *cruz*. Mas, considerando o ponto de articulação do sinal, categorizamo-lo como sendo motivado por uniforme escolar, pois remete à disposição da imagem do desenho de uma cruz presente no uniforme da escola.

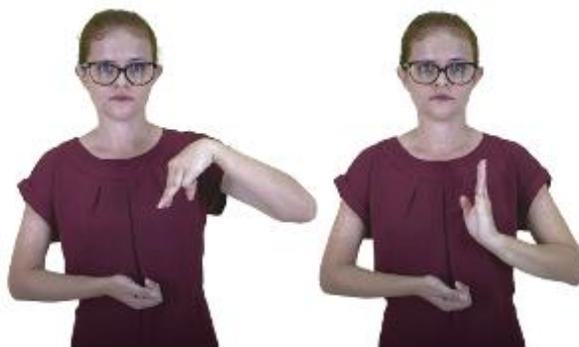
Há também topônimos motivados por uniforme escolar e pela grafia do nome em língua portuguesa. Os sinais da “Escola Estadual Modelo” (Figura 11) e da “Escola Municipal Zeca Barros” (Figura 12), a seguir, ilustram essa combinação.

Figura 11. Sinal da Escola Estadual Modelo



Fonte: Albuquerque (2021)

Figura 12. Sinal da Escola Municipal Zeca Barros



Fonte: Albuquerque (2021)

Em relação aos topônimos motivados pela logomarca da escola, citamos o sinal do “Colégio Educandário Objetivo”. A disposição dos parâmetros remete, de alguma maneira, aos aspectos visuais da logomarca da instituição. Importante ressaltar que o sinal da escola é motivado pela concepção dos sinalizantes sobre a logomarca. De acordo com Carneiro (2016), a emergência de esquemas de imagem visuais provém de experiências socialmente partilhadas pela comunidade, o que atesta o caráter convencional dos topônimos. A Figura 13, a seguir, ilustra este sinal e a logomarca do “Colégio Educandário Objetivo”.

Figura 13. Logomarca do Colégio Educandário Objetivo e imagem da logomarca



Fonte: Albuquerque (2021)

A partir dos dados da amostra, dois topônimos foram motivados pela estrutura da escola. A Figura 14, a seguir, ilustra o sinal da “Escola Estadual Caic Jorge Humberto Camargo” e a disposição da cobertura do ginásio de esportes, que motivou o topônimo.

Figura 14. Sinal da Escola Estadual Caic e estrutura do ginásio da escola



Fonte: Albuquerque (2021)

Para ilustrar a motivação icônica relacionada à rotina da instituição, citamos o sinal do “Colégio da Polícia Militar de Araguaína”. Este sinal, ilustrado na Figura 15, parece remeter à postura de continência presente em algumas das atividades da escola. A princípio, o sinal poderia ser categorizado como motivado pela língua portuguesa, a partir de um calque oriundo da palavra *militar*. Porém, os entrevistados remetem à rotina da instituição e não o nome em língua portuguesa como motivador do sinal.

Figura 15. Sinal do Colégio da Polícia Militar de Araguaína



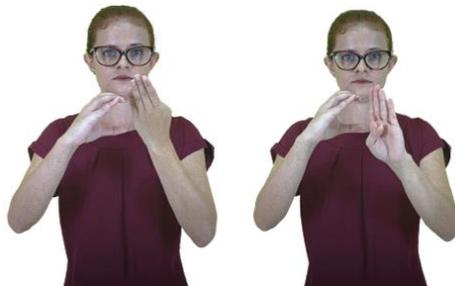
Fonte: Albuquerque (2021)

Os sinais motivados pelo nome do topônimo, abrangem os sinais inicializados e o único sinal soletrado da amostra. Os sinais das escolas “CEM – Benjamin José de Almeida”, “CEM – Castelo Branco”, “CEM – Dr. José Aluísio da Silva Luz” e “CEM Paulo Freire” remetem à grafia do nome do topônimo em língua portuguesa e são bimanuais assimétricos, em que a mão não dominante se configura em “C”, em referência à palavra CEM⁵. Nestes sinais, a mão dominante adota uma configuração distinta em

⁵ CEM – Centro de Ensino Médio.

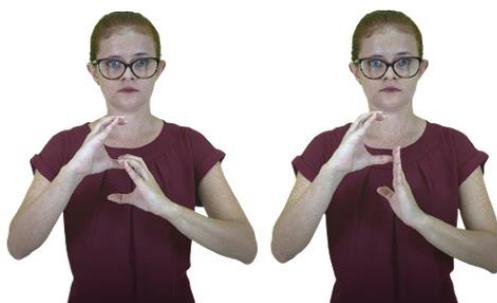
referência a outra parte do nome, sendo, respectivamente, a configuração em “B” (CEM – Benjamin José de Almeida); em “C” e em “B” (CEM – Castelo Branco); em “J” (CEM – José Aluísio da Silva Luz) e em “P” (CEM – Paulo Freire). Os sinais dessas escolas estão ilustrados a seguir, nas Figuras de 16 a 19.

Figura 16. Sinal da escola CEM – Benjamin José de Almeida



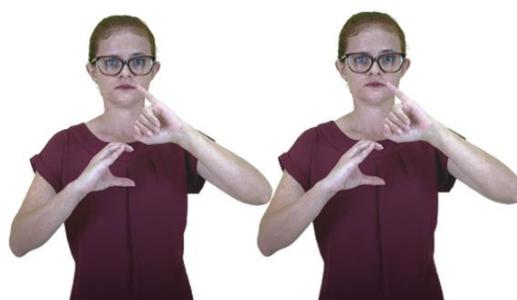
Fonte: Albuquerque (2021)

Figura 17. Sinal da escola CEM – Castelo Branco



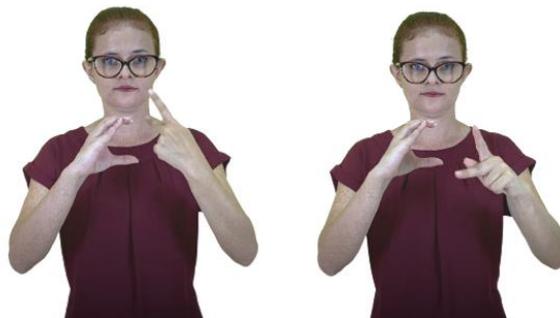
Fonte: Albuquerque (2021)

Figura 18. Sinal da escola CEM – Dr. José Aluísio da Silva Luz



Fonte: Albuquerque (2021)

Figura 19. Sinal da escola CEM – Paulo Freire



Fonte: Albuquerque (2021)

Nos sinais de “CEM - Benjamin”, “CEM - Castelo Branco”, “CEM - José Aluísio” e “CEM - Paulo Freire”, a configuração da mão não dominante em “C” parece se manifestar como um morfema base com potencial recombinaivo no contexto dos topônimos das escolas de Araguaína. Ao analisarmos um dos sinais da escola “Assistência Social Pentecostal de Araguaína – ASPA”, vemos que o sinal dessa escola também é formado a partir da configuração de mão em “C” (mão não dominante), embora não haja em seu nome em língua portuguesa a palavra “Centro de Ensino Médio (CEM)”, que parece motivar esta configuração nos sinais supracitados. A mão dominante configura-se em A (Assistência) e P (Pentecostal), em referência ao nome em língua portuguesa. A Figura 20, a seguir, ilustra este sinal.

Figura 20. Um dos sinais da Escola Assistência Social Pentecostal de Araguaína



Fonte: Albuquerque (2021)

Dentre os sinais motivados pela grafia, observamos que o sinal da “Escola Estadual Guilherme Dourado” também parece apresentar uma motivação do tipo calque. Este sinal é bimanual em que a mão não dominante está configurada em “G” (Guilherme) e a mão dominante em “D” (Dourado), remetendo às iniciais do nome do topônimo em língua portuguesa. Porém, há um movimento realizado pela mão dominante (configurada

em “D”), enquanto a mão não dominante (configurada em “G”) permanece em suspensão. A mão realiza um movimento oscilatório de prono-supinação e, simultaneamente, um movimento de afastamento. Este movimento é semelhante ao movimento do sinal BRILHAR. Nesse sentido, de acordo com os participantes, o movimento do sinal da “Escola Estadual Guilherme Dourado” parece ser motivado por uma tradução literal do termo *Dourado* que faz parte do nome do topônimo em língua portuguesa. A Figura 21, a seguir, ilustra esse sinal.

Figura 21. Sinal da Escola Estadual Guilherme Dourado



Fonte: Albuquerque (2021)

Nessa seção, apresentamos a distribuição dos topônimos das escolas de Araguaína em libras em relação à forma e à motivação. Observamos que, em relação à forma, a maioria dos sinais são inicializados, seguidos de sinais nativos e apenas um sinal da amostra foi categorizado como soletrado. Em relação à motivação, há sinais categorizados apenas por motivação icônica, apenas por língua portuguesa e tanto por motivação icônica quanto por língua portuguesa. Percebemos ainda que a motivação icônica prevalece nos dados da amostra. Em relação à motivação icônica, o uniforme escolar é a subcategoria mais prevalente, seguido da logomarca da escola, aspectos relacionados à rotina e estrutura da escola. Em relação à motivação em língua portuguesa, prevalece a grafia do nome em todos os topônimos desta categoria. Em apenas um dos sinais, há também a motivação por calque.

Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo realizar uma investigação sobre os sinais topônimos de escolas de Araguaína, em relação à forma e à motivação. Para isso, fizemos

o levantamento e análise de um *corpus* com 26 sinais. Todas as informações foram registradas por meio de fichas lexicográfico-toponímicas, que inclui o registro dos dados em vídeo e a veiculação em uma plataforma no YouTube.

As fichas lexicográfico-toponímicas foram baseadas em Miranda (2020) e compostas pelos microparadigmas: (1) imagem do topônimo, (2) escrita de sinais – sistema *signwriting*, (3) link de acesso ao vídeo na Plataforma *YouTube*, (4) nome do topônimo em língua portuguesa, (5) Rede de Ensino da unidade escolar, (6) descrição do sinal, (7) morfologia, (8) categoria em relação à forma, (9) categoria em relação à motivação, (10) pesquisadora responsável pelo levantamento, (11) validação, (12) tipo da fonte e (13) data da coleta.

Em relação à forma, a maioria dos sinais são inicializados, seguidos de sinais nativos. Apenas um sinal da amostra foi categorizado como soletrado. Essas categorias são exclusivas.

A partir da análise dos sinais inicializados, mais especificamente aqueles articulados de maneira bimanual com a mão não dominante configurada em “C”, sugerimos a provável emergência de um morfema base que parece ter subsidiado o processo de formação de um dos topônimos da amostra. Manifestação semelhante é analisado por Xavier e Ferreira (2021) a partir de “famílias de sinais”. Os autores identificaram famílias em sinais de bairros de Curitiba, ou seja, grupos de sinais que compartilham uma mesma característica formal e, provavelmente, um traço semântico ou motivacional. Em uma análise de 51 sinais, os autores identificaram quatro conjuntos de sinais que compartilham o mesmo ponto de articulação: o antebraço, a face, a mão não dominante (configurada em B – todos os dedos estendidos e unidos pelas laterais) e o tronco.

Em nossos dados, em relação à motivação, houve sinais categorizados em (1) apenas por motivação icônica, (2) apenas por língua portuguesa e (3) tanto por motivação icônica quanto por língua portuguesa. A motivação icônica prevalece nos dados da amostra.

A análise dos dados indicou a existência de subcategorias que detalham a motivação icônica: (1) aspectos relacionados à rotina da instituição, (2) uniforme escolar, (3) estrutura arquitetônica da escola e (4) logomarca da escola. Em relação à motivação icônica, o uniforme escolar é a subcategoria mais prevalente, seguido da logomarca da

escola e, por fim, aspectos relacionados à rotina e estrutura da escola, ambos com a mesma frequência. Em relação à motivação em língua portuguesa, prevalece a grafia do nome em todos os topônimos desta categoria. Em apenas um dos sinais, há também a motivação por calque.

Alguns desafios foram postos, por exemplo, ao categorizar a motivação do sinal de “Colégio Santa Cruz” e de “Colégio da Política Militar de Araguaína”. Em ambas as situações, os sinais poderiam ser categorizados como motivados por calque. No primeiro caso, optamos por categorizá-lo como uniforme escolar, pois o ponto de articulação na região do tórax parece remeter ao uniforme utilizado na instituição, apesar da configuração de mão remeter ao sinal CRUZ. No segundo caso, categorizamo-lo como motivado por aspecto relacionado à rotina da instituição, por causa dos depoimentos dos entrevistados que fizeram menção à postura de continência como algo que faz parte do cotidiano da comunidade escolar.

Acreditamos que a descrição da forma e da motivação dos topônimos de nosso *corpus* de análise pode contribuir para os estudos sobre os processos de nomeação em libras e para a emergência de novas categorias que contemplem, ainda mais, as especificidades da diferença surda.

Referências

ADAM, R. Language contact and borrowing. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Sign language: An international handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841-861.

ALBUQUERQUE, Mariana Ferreira. *Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína-TO*. Dissertação (99f). Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura. Universidade Federal do Norte do Tocantins, Câmpus de Araguaína, Araguaína, 2022.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO*. Tese (207f). Programa de Pós-graduação em semiótica e linguística geral. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, São Paulo, 2006.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. *Revista Leitura*, v. 1, n. 67, p. 104-119, 2016.

CRUZ, Cristiano Pimentel. *Gírias na Língua de Sinais Brasileira: processos de criação e contextos de uso*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Câmpus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, Tocantins, 2020.

DICK, M. Vicentina de P. do A. Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiótica et Lingvistca*, v.7, p. 97-122, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro. Reimpressão. 2010.

GOMES NETA, Beatriz Latini. Apresentação do Corpus de pesquisa: os nomes das escolas públicas da cidade de Mariana. *Revista Caletroscópio*, v. 4. n. especial, 2016a.

GOMES NETA, Beatriz Latini. *Os nomes de escolas públicas na cidade de Mariana: microtoponímia urbana*. Dissertação (128f). Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2016b.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; ANDRADE, Karylleila dos Santos. Toponímia em Libras: Levantamento, registro e categorização de sinais dos municípios do Tocantins. *Acta Semiotica Et Lingvistica*, v. 25, n. 4 (44), 2021a.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; ANDRADE, Karylleila dos Santos. Toponímia em língua brasileira de sinais: aspectos formacionais e motivacionais dos sinais dos municípios do Tocantins. *Revista Humanidade e Inovação*. v. 8, n. 66, 2021b.

MIRANDA, Roselba Gomes de. *Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins*. Dissertação (184f). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Porto Nacional, Porto Nacional, 2020.

NASCIMENTO, Cristiane Batista. Alfabeto manual da língua de sinais brasileira (libras): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. *Revista Trama*, v. 7, n. 14, p. 33-55, 2011.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOOP, Lodernir Becher. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

SEABRA, M. C. T. C. *Referência e onomástica*. In: Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL), XI, 2006, Uberlândia. Múltiplas perspectivas em linguística. Uberlândia: ILEEL, 2006, p. 1953-1960.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_estudo_toponimico.pdf. Acesso em 15 nov. 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2020.

SOUSA, Alexandre Melo; MARTINS, Rozangela Melo. Origem Indígena da Zona Rural da Regional do Baixo Acre. *Revista Tropos*. v. 6, n 2, dez, 2017.

URBANSKI, Ítalo R. W.; FERREIRA, D.; XAVIER, A. N. (2021). Contribuições aos estudos toponímicos da libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras. *Revista GTLex*, 6(1), 234–267. <https://doi.org/10.14393/Lex11-v6n1a2020-13>

VIEIRA, Marta de Paula Vieira de Paula; SILVA, Nilce Maria da. A Nomeação da Cidade em Libras: Uma Abordagem Enunciativa. *Revista Ecos*. v. 28, n 1, 2020.

XAVIER, A. N.; FERREIRA, Daiane. Análise morfológica de sinais da libras que nomeiam bairros de Curitiba. *Revista Letras*, v. 103, n. 1, 2021.